

## CULTURAS EM QUADRINHOS: UMA LEITURA PRAGMÁTICA DE PRÁTICAS LINGUÍSTICAS ENTRE SURDOS E OUVINTES

Cultures in comics: A pragmatic reading of linguistic practices between deaf and hearing

**Julio Cesar Barreto Rocha<sup>1</sup>**  
**Amauri Moret da Silva<sup>2</sup>**  
**Rosiane Ribas de Souza Eler<sup>3</sup>**

### RESUMO

A proposta deste artigo é abordar as teorias descritas por Austin acerca dos atos de fala e perceber sua aplicabilidade em enunciados envolvendo grupos linguísticos diferentes, como surdos e ouvintes, partindo do pressuposto de que as diferenças culturais precisam estar presentes como demarcador da identidade dos diferentes segmentos que compõem a sociedade. A pesquisa tem como material de análise as histórias em quadrinhos (HQs), que caracterizamos como for-

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to address the theories described by Austin about speech acts and to understand their applicability in statements involving different linguistic groups such as deaf and hearing people, starting from the assumption that cultural differences need to be present as a marker of the identity of the different segments which make

<sup>1</sup> Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, RO.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, RO.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Ji-Paraná, RO.

ma de linguagem capaz de reproduzir não apenas as manifestações da língua, mas os elementos de tensão entre as culturas. Optamos por analisar tirinhas no sentido de apreender um panorama da representação da identidade cultural dos sujeitos surdos sobrevivendo em uma comunidade majoritariamente ouvinte.

up society. The research has as analysis material the comics, in which we characterize as a form of language capable of reproducing not only the manifestations of language, but the elements of tension between cultures. We chose to analyze strips in order to apprehend a panorama of the representation of the cultural identity of the deaf individuals surviving in a community mostly listening.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Atos de fala; Histórias em quadrinhos; Cultura surda e ouvinte

### **KEYWORD**

Speech acts; Comics; Deaf culture and listener people

## **Introdução**

A pragmática é a área da linguística que se ocupa em estudar a língua em situação de uso pelos falantes, interpretando as condições dialógicas que possibilitam a construção de interação com o outro. Em se tratando de manifestações da linguagem entre surdos e ouvintes, nos reportaremos a falantes/sinalizantes para descrever como a linguagem exerce uma ação no outro, podendo desencadear várias reações. Palavras/imagens/sinais, ao serem proferidos, são carregados de informações explícitas ou implícitas, assim como significados que podem ser de ordem, de obediência, de convencimento etc.

Para Levinson (2007 p. 11), “pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua”. Essa visão reforça o eixo central da pragmática, porque deixa explícita as relações que são estabelecidas entre a língua utilizada pelo falante ou sinalizante, e o contexto em que essa língua é empregada.

A pragmática pode estar inserida em qualquer língua, sejam línguas naturais, Língua Portuguesa ou Língua Brasileira de Sinais. Assim, Levinson (2007, p. 25) reforça que “a pragmática é o estudo das relações entre

a língua e o contexto que são básicas para uma descrição da compreensão da linguagem”.

A pragmática estuda essas relações estabelecidas entre a língua e o contexto em que é empregada. Levinson (2007) apoiando-se em Austin aborda a pragmática em uma visão de comunicação, ou seja, a língua em uso em uma situação de interação com o outro, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

Portanto, a pragmática busca explicar a interação dos seres humanos através da linguagem, procura também demonstrar a competência que esses seres têm ao comunicar-se com a sociedade por meio de determinada língua. Expondo seus pensamentos e suas reflexões.

Portanto, ao abordar a linguagem como campo de compreensão dos sujeitos em atos concretos de comunicação, também podemos afirmar que é possível localizar nela expressões de tensões sociais advindas das relações de poder entre seguimentos culturais na construção de uma linguagem que possibilite o diálogo com a diversidade.

A pragmática aposta nos estudos da linguagem, levando em conta também a fala, e nunca nos estudos da língua isolada de sua produção social. Desta forma os estudos pragmáticos pretendem definir o que é linguagem e analisá-la trazendo para a definição os conceitos de sociedade e comunicação descartado pela Linguística saussureana na subtração da fala, ou seja, na subtração das pessoas que falam. (PINTO, 2012, p. 56)

Para a construção desse espaço de apreensão das falas que compõem a malha da diversidade social, devemos elencar que a Língua de Sinais é uma língua de modalidade gesto-visioespacial, que as comunidades surdas utilizam para a manifestação da fala através de sinais feitos com as mãos e expressões não manuais, ou seja, faciais e corporais.

Strobel (2003) define o povo surdo a partir da utilização de diversos artefatos visuais que revelam sua maneira de perceber e se relacionar com o mundo, de modificá-lo e adaptá-lo às suas necessidades de sobrevivência. Sob esses pressupostos, reconhecer os surdos como um povo é uma maneira de respeitar os sujeitos que têm suas vidas atravessadas por costumes, histórias e tradições culturais ao se apropriarem do mundo com outra visão étnica.

Em uma palestra, o professor surdo norte-americano Ben Bahan sugeriu que os surdos fossem chamados de “pessoas visuais”, designação interligada

àquilo que podem fazer e fazem (STROBEL, 2003). Nesse sentido, há o reconhecimento de que os surdos, em suas atitudes visuais, se utilizam de expressões faciais e corporais para expressar pensamentos, sentimentos e representar objetos e seres vivos. Portanto, são um povo que tem uma cultura e uma identidade totalmente diferenciada dos ouvintes, que se constituem como seres de linguagem através de uma língua oral e auditiva.

Dessa maneira, podemos compreender que o surdo é um sujeito que, ao mesmo tempo que compreende o mundo pela imagem, também as representam através das expressões corporais, ao utilizar-se da língua de sinais para se comunicar. Estar inserido entre o povo surdo não significa estar geograficamente localizado em um país.

O povo surdo está espalhado em vários países do mundo, unidos em primeiro lugar pela experiência visual de trazer à sua existência histórias e crenças pela apreensão de imagens. Para estabelecer um lócus dialógico entre falantes de línguas de modalidades diferentes e com características culturais construídas através de experiências específicas, selecionamos histórias em quadrinhos para uma análise pragmática de diálogos entre surdos e ouvintes.

A variedade de materiais que são analisados nas publicações aceitas [...] nos ajuda a perceber que linguistas estão se dedicando às situações de “exceção”, fundamentais na compreensão da linguagem em uso: diálogos colhidos entre falantes de uma comunidade, literatura, poesia, humor, e podemos ler mesmo trabalhos analisando material linguístico visual, como cartuns e propagandas. (PINTO, 2012, p. 57)

Analisar um material linguístico visual sobre as relações de poder entre surdos e ouvintes possibilita aumentar qualitativamente a inserção de surdos no campo dos debates linguísticos a partir de um mote cultural e politicamente significativo para o próprio surdo.

As histórias em quadrinhos (HQs) ganharam espaço em todo o mundo por se tratar, na maioria das vezes, de uma sátira do cotidiano. Esse modelo de gênero textual procura, através do humor, levar muitas informações ao público leitor. As HQs são um recurso muito explorado pelos escritores, pois têm a finalidade de criticar ou expor determinado assunto sem necessitar comprometer os autores ou as pessoas citadas nos enunciados.

De acordo com Mendonça (2005, p. 199-200) “a HQ é caracterizada como um gênero icônico ou icônico verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro, apresen-

tando como elementos típicos: desenhos, quadros e balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal”, são essas as principais características presentes nas HQs.

As HQs produzem humor por meio das críticas sobre os costumes e a moral da sociedade em geral, com maior enfoque aos acontecimentos atuais. Elas sobressaem em relação a outros textos humorísticos, pois permeiam situações não reais, com personagens também faceados, a fim de trazer à tona a realidade presente no dia a dia da sociedade.

Pelo trânsito natural de informações essenciais para a convivência social nas histórias em quadrinhos, seja com intencionalidade educativa ou voltadas para mero entretenimento, esta linguagem atrativa e amigável realmente tem o poder especial de formar suas próprias comunidades de leitores. (BARI, 2008, p. 118)

Para Bari (2008), as HQs munem-se de recursos visuais, como os desenhos e as ações presentes nos personagens, para prender a atenção do leitor. Uma característica marcante nessa narrativa é a maneira que o texto é disposto, geralmente encontramos de dois até seis quadrinhos, sendo que em cada um predominam as falas curtas, para que a mensagem chegue mais rápido ao leitor e provoque nele um tom de humor.

Com o reconhecimento da Língua de Sinais no Brasil, temas gerais sobre surdos emergiram na sociedade, enfocando reflexões e críticas a partir dos preconceitos e dos estereótipos sobre as comunidades surdas. As HQs abordam esse estereótipo de maneira humorística para criticar a visão social que foi historicamente construída e continua sendo reproduzida entre as pessoas. Neste artigo são analisadas sentenças curtas, buscando perceber a materialidade do signo linguístico em um contexto dialógico.

Austin foi que melhor expôs o problema, discutindo a materialidade e historicidade das palavras. Seus estudos procuraram refletir sobre a possibilidade de uma teoria que explicasse questões, exclamações e sentenças que expressam comandos, desejos e concessões [...] o fato de que aquilo que dizemos tem efeito, altera o sentido e funcionamento linguísticos. (PINTO, 2012, p. 66)

Através da teoria dos atos de fala, desenvolvida pelo filósofo John Austin (1990) os autores deste texto desenvolveram discussões que possibilitam, em estudos futuros, apreender elementos extralinguísticos do contexto discursivo envolvendo surdos e ouvintes. Foram identificadas nesses discursos as condições

que caracterizam atos locucionários, ilocucionários e performáticos felizes e infelizes, inserindo a reflexão dos elementos extralinguísticos como estratégias de uso da linguagem como espaço de poder que permite a seguimentos culturais alijados de seus direitos linguísticos, sociais e políticos de se apropriar do dizer para concretizar uma ação dialógica.

Austin (1990) aponta o ato locucionário como a situação de interação em que o texto obedece às regras gramaticais de determinada língua, seja oral ou visual. O filósofo denomina ilocucionário o ato de fala que exerce certa força empregada pelas palavras proferidas pelo interlocutor – uma ordem, uma pergunta, uma promessa. E o terceiro ato é considerado um ato perlocucionário, exercendo efeitos sobre o interlocutor, que pode ser de convencimento ou de susto, entre outros.

### **1. Atos de fala, por Austin**

É por meio da língua que todo ser humano se expressa, assim, ao pronunciar um conjunto de palavras ou sinais, que por sua vez transformam-se em sentenças, os usuários de uma língua constroem um discurso; a pragmática se ocupa da língua na qualidade de uso. Para Austin, a situação de comunicação é definida como atos de fala que, dependendo do usuário, podem exercer determinada ação tanto no interlocutor como no receptor.

Segundo Fiorin (2002), ao defender essa teoria, Austin procurou abordar a linguagem como influenciada por uma descrição, ou seja, na visão austiana a “linguagem é levada por uma ilusão descritiva”. Para ele, há dois tipos de afirmações: a primeira retrata as coisas que são descritas, a segunda aborda as coisas que não são descritas.

As pesquisas realizadas tiveram como ponto de partida as ações humanas que se desenvolviam por meio da linguagem. Austin refletiu sobre os atos e passou a investigar como eram articuladas as enunciações, no momento em que eram proferidas, dentro de determinado assunto. Ele estudou os atos de fala que o homem emprega através da linguagem.

Em sua teoria existe uma divisão entre os atos de fala; em primeiro lugar ele chama de ato locucionário, em segundo, de ato ilocucionário e em terceiro, de ato perlocucionário.

Quando realizamos um ato locucionário, utilizamos a fala. Podemos dizer que realizar um ato locucionário é, em geral, e por isso, realizar um ato ilocucionário, como me proponho denominá-lo. Para determinar que este ato ilocucionário é realizado dessa forma temos que determinar de que maneira estamos usando a locução. (AUSTIN, 1990, p. 88)

De acordo com Austin (1990), ao empregar um ato locucionário, o sujeito o faz usando a fala; em se tratando de falantes surdos, eles sinalizam. Para afirmar qual ato está sendo utilizado pelo usuário de determinada língua, temos que determinar como ele emprega a linguagem. Assim, identificamos se o ato é locucionário, ilocucionário ou perlocucionário.

Pode-se confirmar, de acordo com a teoria apresentada por Austin (1990, p. 90), a existência de três atos de fala, como encontrado no livro Quando dizer é fazer: “da mesma maneira podemos distinguir o ato locucionário ‘ele disse que ...’ do ato ilocucionário ‘ele argumentou que ...’ e do ato perlocucionário ‘ele me convenceu que ...’”. Esses três atos aparecem frequentemente nas falas dos usuários de uma língua, e podem aparecer juntos ou separadamente.

Seguindo o pensamento de Austin (1990, p. 90) “distinguimos, portanto, de forma esquemática, três tipos de atos, o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário”. O autor conceitua cada ato de fala isoladamente para mostrar que o falante de uma língua pode exercer ou não até certo ponto um domínio sobre o outro usuário.

## **2. Performativos malogrados**

Diferentemente de uma declaração que pode ser verdadeira ou falsa, temos os performativos que são definidos como felizes ou infelizes. Os felizes são proferimentos que refletem uma ação e dependem de muitas outras coisas indispensáveis para que sejam bem-sucedidos.

### *2.1. Análise acerca de proferimentos performativos malsucedidos ou infelizes*

Segundo Austin (1990, p. 31) os proferimentos performativos se realizam quando o dizer algo corresponde às circunstâncias apropriadas e que o proferimento para obter um caráter bem-sucedido ou feliz precisa obedecer a esquemas preestabelecidos.

De acordo com o filósofo, deve-se seguir algumas regras:

- (A.1) deve existir um procedimento convencionalmente aceito, que apresente determinado efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas e em certas circunstâncias; e além disso, que
- (A. 2) as pessoas e as circunstâncias particulares, em cada caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado.
- (B. 1) O procedimento tem de ser executado por todos os participantes, de modo correto e
- (B.2) completo.
- (r.1) Nos casos em que, como ocorre com frequência, o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa à instauração de uma conduta correspondente por parte de alguns dos participantes, então aquele que participa do procedimento e o invoca deve ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada, e, além disso,
- (r. 2) devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente.

Se o proferimento não obedecer a todas as regras será de qualquer forma malgrado.

No presente artigo foi analisada a linguagem manifesta em histórias em quadrinhos, equiparando-a a narrativas visuais, valorizando a identidade cultural dos surdos como pessoas que pertencem à uma cultura visual. Nessa perspectiva, podemos estabelecer um espaço de diálogo entre duas culturas cujas línguas são de modalidades totalmente diferentes: gesto-visioespacial e a outra oral auditiva. As HQs analisadas fazem referência ao mundo dos surdos sob a ótica da teoria dos atos de fala descrita por Austin.

### **3. Análise das histórias em quadrinhos em tiras**

Na Figura 1, há uma situação de fala com dois personagens que conversam sobre leitura labial.





**Figura 1** – HQ That Deaf Guy (Aquele Rapaz Surdo, em tradução livre)

Fonte: Disponível em: [<http://asampe.blogspot.com.br/2015/01/conhecem-um-pouco-sobre-identidade-e.html>]. Acesso em: 18 ago. 2016

Sentado no banco o personagem A (sujeito ouvinte) percebe que o personagem B (sujeito Surdo) senta ao seu lado. O ouvinte não sabe língua de sinais então chama a atenção do surdo apontando para boca e diz qualquer coisa para descobrir se o Surdo consegue fazer leitura labial. Ao dizer: “Uau! Você entendeu o que eu falei? Você lê muito bem!”, causa no receptor determinada força, ou seja, um ato ilocucionário, que o condiciona a agradecer o elogio, mas também constitui um performativo infeliz, pois ao elogiar a habilidade de leitura labial não produz no surdo o sentimento de satisfação, pelo contrário causa no receptor tristeza por trazer à memória vinte anos vendo filme sem legenda, repetidos episódios em que não teve direito à acessibilidade e a falta de sensibilidade dos ouvintes em perceber que a leitura labial exige da pessoa surda tempo excessivo de dedicação para aprender uma comunicação que não faz parte do seu modo de entender o mundo. A leitura labial não é uma opção para o surdo, é uma imposição da maioria de ouvintes sobre a minoria surda. O procedimento de interação é malogrado porque os pensamentos e os sentimentos do personagem A não criam correspondência com o personagem B.

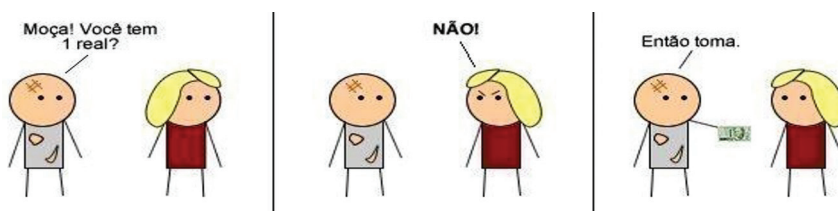
A resposta do receptor é de agradecimento. “Oh, muito obrigado”, trata-se, então, de um ato locucionário, uma vez que obedece às regras gramaticais de língua. Encontra-se nessa frase um retorno positivo à indagação feita pelo interlocutor, assim não há força no ato de fala. (Há outro ato ilocucional na fala “Oh, muito obrigado”, não foi nada fácil.) Porém, ele ressalta: “Não foi nada fácil”; há implícito uma força, pois a intenção do emissor é motivar no interlocutor a compreensão de que fazer leitura labial é um processo lento e

difícultoso, assim nota-se um ato ilocucionário como também podemos considerar locucionário, por se ter a fala organizada em uma sentença linguística.

No terceiro quadrinho, o personagem B responde à pergunta do interlocutor “20 anos assistindo filmes sem legendas”, criando no personagem sensação de espanto e desconforto, uma vez que as mídias televisivas não proporcionam acessibilidade às pessoas surdas, colocando, por exemplo, legendas ou intérpretes de Línguas de Sinais.

Esse quadro também expõe relações de forças ideológicas materializadas na ação de dizer “não foi nada fácil”, “20 anos assistindo filme sem legenda”. Assistir a um filme é entendido como uma atividade prazerosa, porém o esforço empregado para ler as legendas é uma contradição apresentada pelo sujeito surdo em caráter implícito de crítica à insensibilidade da cultura majoritária ouvinte que em vários contextos educacionais, sociais e familiares impõe aos surdos uma comunicação oral.

Na Figura 2, temos uma situação de fala com dois personagens que conversam sobre desigualdades sociais.



**Figura 2** – HQ O mendigo e a moça rica

Fonte: Disponível em: [<http://www.braian.com.br/voce-tem-1-real/>]. Acesso em: 18 ago. 2016

(A.1) Na tirinha da Figura 2, o diálogo é estabelecido entre dois personagens: um morador de rua e uma moça rica; as circunstâncias em que se apresenta o rapaz, com roupas rasgadas e sujas e a pergunta: “Moça! Você tem 1 real?”, indica um procedimento convencional de mendigos. A moça faz inferência de que realmente se trata de um pedinte e responde rispidamente “Não!”. O humor é criado pela quebra de expectativas da moça e do leitor ao entender que o mendigo pensa ter mais dinheiro que a moça rica. Esse procedimento é infeliz porque o mendigo não responde adequadamente às circunstâncias,

proferindo as palavras convencionalmente determinadas nessas situações, que seriam insistir por uma moeda ou comida.

No segundo quadrinho, a moça brutalmente responde “Não”; pela expressão notada no rosto, com as sobrancelhas franzidas, ela está com raiva, e deixa claro que não dará dinheiro algum para o mendigo. Mesmo se ela tivesse não o daria. O ato presente nesse simples “Não!” é o ilocucionário, pois exerce uma força de preconceito referente à classe social, ou seja, oposição de classes, rico e pobre.

A reação do mendigo é contrária à da moça. “Então toma”, ele pega uma nota de 1 real na carteira e lhe entrega; a expressão observada no rosto da moça é de espanto e surpresa. O ato presente nessa fala é o perlocucionário, ou seja, a reação do mendigo em dar o dinheiro à moça causa nela um sentimento de arrependimento.

Portanto, na última fala do mendigo existe uma quebra de expectativa; é o que causa o humor na tirinha, pois o habitual seria os personagens se afastarem, e ninguém dar dinheiro. É percebido também um ato de fala locucionário, porque as falas obedecem às normas da língua.

Na tirinha da Figura 3 há uma situação de fala com três personagens que conversam sobre representações sociais sobre a surdez.



**Figura 3** – HQ sobre o estereótipo criado para as comunidades surdas  
 Fonte: Disponível em: [<http://kasksu.com/tag-archive-for-h-g-wells.html>].  
 Acesso em: 12 ago. 2016

Nota-se no primeiro quadrinho o uso de duas línguas: os personagens de blusa cinza e o outro de blusa verde usam uma língua oral, enquanto o personagem de blusa marrom, comunica-se pela Língua de Sinais.

No segundo quadrinho o personagem de blusa verde profere um ato de fala: “O que ele está fazendo?”. Esse ato de fala exerce uma força em relação ao

personagem de blusa cinza, é um questionamento, há então um ato ilocucionário, pois existe a intenção explícita de saber qual a língua que o sujeito está utilizando. Assim, percebe-se também um ato locucionário, uma vez que a sentença é proferida na estrutura gramatical utilizada pelas línguas, seja oral ou de sinais.

O ato locucionário aparece também no terceiro quadrinho: “Ele está fazendo linguagem dos sinais, ele é surdo”. O diálogo estrutura-se nas regras de uma língua, portanto um ato de fala locucionário. O ato ilocucionário e perlocucionário é percebido na fala “ele é surdo” pela força empregada na fala com intenção de mostrar ao colega total desconhecimento da língua das pessoas surdas, que se desenvolve no espaço através das mãos.

A ação é a representação de fala no quarto quadrinho. O interlocutor reage efetuando um golpe com a mão fechada, não há língua oral sendo utilizada, porém demonstra a intenção implícita nessa ação. Pode-se considerar como um ato perlocucionário de agressão, pois procura convencer o leitor de que a surdez pode ser fingimento, que, por não falar, o surdo também não sente dor ou até que a violência é um tratamento adequado às pessoas surdas.

Já no quinto quadrinho, há a presença de um ato locucionário, o personagem de blusa cinza argumenta: “Isso não conta como uma linguagem de sinais”, a ação de violência do personagem de blusa verde é reprovada pelo personagem de blusa cinza, ocorrendo um ato de fala perlocucional, pois causa uma reação de empatia com o personagem de blusa cinza, porque ele compreende o mundo dos surdos. A violência contra uma pessoa surda evidencia o descaso da sociedade em criar políticas públicas que acolham os surdos no meio social, desse modo exclui a pessoa da sociedade na qual deveria estar incluída.

Encontramos um ato ilocucionário no último quadrinho da tirinha, quando o personagem diz: “Ele ainda é surdo?”. Ao perguntar, percebe-se na frase uma força de indagação. O interlocutor acredita ter solucionado o problema do surdo, o humor é causado por essa última fala. Por não conhecerem o mundo dos surdos, os ouvintes acreditam que um simples soco pode devolver-lhes a audição.

Pode-se perceber um ato perlocucionário na fala: “Achei que tinha curado ele”, por desconhecer a surdez, o interlocutor tenta convencer o leitor de que ela tem cura, basta proferir um golpe na região do ouvido que o

sujeito surdo volta a ter as funções auditivas restauradas. Também temos um ato locucionário, uma vez que a organização do texto obedece às regras de uma língua, seja oral ou sinalizada.



**Figura 4** – Tirinha Sempre assim surdos.

Fonte: Disponível em: [<http://www.surdocult.com.br/index.php/2012/08/03/imagens-sobre-identidade-e-cultura/>]. Acesso em: 19 ago. 2016.

Na Figura 4, percebemos um grupo de surdos conversando animadamente em um bar, como se tivessem acabado de se encontrar. Quando observamos as mesas ao redor com as cadeiras recolhidas, o relógio na parede indicando quatro horas e olhamos pela janela o raiar do sol inferimos que houve a ocorrência de um performativo infeliz.

No Brasil, recolher as cadeiras é convencionado como uma intenção de dizer aos clientes “estamos encerrando o expediente, vamos fechar o bar”. É um ato locucionário porque é convencionado e obedece às normas comunicacionais, e ilocucionário pela força que exerce na intenção de que automaticamente os clientes paguem a conta e saiam. Até aí pode-se considerar que o proferimento convencionado “recolher as cadeiras sobre as mesas” foi proferido pelas pessoas certas, ou seja, garçons e funcionária do restaurante; nas circunstâncias corretas, “estabelecimento comercial aberto em horário avançado, em que todos deveriam estar dormindo em suas casas”.

As posições do balconista, que dorme apoiando-se no balcão; e do garçom, que senta no chão com a bandeja ao lado, também constituem um ato ilocucionário: “estou cansado preciso dormir”, mas não constitui um

performático por que não sensibilizam seus clientes a ponto de fazer com que paguem a conta e saiam.

Varrer o local, pegar baldes e começar a lavar o chão também constitui um ato ilocucionário, posto que é manifesto o desejo de dizer: “vou molhar tudo aqui, saiam já”. O proferimento está convencionado e proferido pelas pessoas certas nas circunstâncias corretas, mas se constitui em performativos malogrados ou infelizes, porque o grupo a quem se destina as intenções de fechar e lavar o local está em circunstâncias particulares.

O grupo de surdos se comunica em Língua de Sinais, e mesmo que tenham percebido a intenção dos funcionários em fechar o estabelecimento, o ato é malogrado porque não corresponde aos pensamentos e sentimentos (r.1) desse grupo. Apesar de o grupo entender, pelos atos direcionados de “guardar cadeiras, lavar o local”, a intenção desse performativo não é completada porque os funcionários desconhecem que os surdos no Brasil e no mundo, em sua maioria, são filhos de pais ouvintes que não sabem se comunicar na língua natural dos surdos. As pessoas surdas, então, ficam alheias às informações acerca de política e sociedade; e pautas relacionadas aos problemas que enfrentam na família, na escola, nas instituições prestadoras de serviços públicas ou privadas precisam de tempo para serem tratadas em sua língua, levando-os a articular mobilizações para reivindicar seus direitos, que são constantemente negligenciados pela sociedade. Os surdos consideram essa troca uma prioridade e minimizam a necessidade de os funcionários em encerrar o expediente.

Para sensibilizar um grupo de surdos nessa situação, o procedimento deveria ser executado de acordo com as circunstâncias particulares (A.2) dos surdos, ou seja, ao perceber que “guardar as cadeiras” não convenceu as pessoas a pagar e sair, um funcionário deveria dirigir-se ao grupo e explicar em Língua de Sinais que já estavam fechando, que já ultrapassou o horário de trabalho dos funcionários, argumentando em favor dos que precisavam voltar aos seus lares.

O performativo bem-sucedido ou feliz é praticado pelo grupo de surdos quando ignoram o fato de os funcionários terem “recolhido cadeiras”, convencionado entre os falantes da Língua Portuguesa no Brasil como um aviso de encerramento de expediente. Ignorar esse aviso e continuar conversando implica um ato ilocucionário e performático da parte dos surdos (“não vamos sair enquanto não concluirmos os assuntos pautados!”). Ilocucionário porque

ignorar algo evidente – o relógio na parede indicando horário avançado, o sol nascendo pela janela, pessoas dormindo no balcão e no chão, ou jogando água e recolhendo cadeiras – representa uma intenção nítida de menosprezo pelo cansaço dos funcionários em detrimento da necessidade de interação e mobilização de surdos para que seus direitos sejam respeitados. Constitui um ato perlocucionário porque a indiferença dos surdos inibe os funcionários de levarem a cabo sua intenção de fechar o estabelecimento.

Diante das análises, conclui-se que o ato ilocucionário praticado pelos funcionários foi infeliz, pois a intenção dos locutores não foi correspondida e não obedeceu aos esquemas elaborados pelo filósofo.

### **Considerações finais**

A Língua de Sinais é vista pela maioria da sociedade ouvinte como uma linguagem de gestos, uma mímica, um meio de comunicação limitado incapaz de transmitir informações, ou transmitindo conceitos abstratos. O preconceito social atribuído aos surdos é também direcionado para a língua de sinais que dificilmente ocupa na sociedade um status linguístico de outras línguas, como o espanhol e o inglês, sendo menosprezada como língua nas interações comunicativas que poderiam solucionar muitos problemas enfrentados pelos surdos.

Por não aceitar a Língua de Sinais, os falantes acabam por excluir o surdo, isolando-o da comunidade majoritária. O processo de exclusão social e a falta de mediação linguística criam uma identidade entre indivíduos de famílias e classes sociais diferentes, formando através de experiências comuns uma comunidade de minoria linguística que, por não ter acesso à sociedade ouvinte, quando se encontram, dificilmente esgotam em uma noite suas pautas sociais e individuais. Essa particularidade faz com que os surdos entendam a intenção de fechar o ambiente e ignorem constantemente essas declarações para favorecer os interesses comunicacionais de seu grupo.

A partir das teorias apresentadas por Austin, os autores deste artigo fizeram uma análise das histórias em quadrinhos (HQs), verificando os atos de fala presentes no momento da comunicação. Austin descreve como essas ações podem exercer uma força no interlocutor. Das três HQs analisadas, os atos locucionário, ilocucionário e também perlocucionário faziam-se presentes.

Esta pesquisa enfatizou as abordagens pragmáticas nas HQs, que demonstram como a língua, no processo de comunicação, pode de alguma maneira influenciar o sujeito e produzir reações inesperadas. Adotou-se as HQs para aplicar os atos de fala e demonstrar que eles se consolidam em uma situação de comunicação, bem como também se aplicam situações implícitas.

Portanto, a pragmática ao estudar os atos de fala procura compreender como a língua se organiza no processo de comunicação, ou seja, o usuário no uso efetivo da língua. As falas são produzidas naturalmente, sem que o falante perceba, pois é algo do cotidiano das culturas envolvidas que revelam conflitos sociais e tensões históricas acerca das formas de comunicação praticadas pelas culturas ouvintes e pelas culturas surdas. Essas tensões revelam a malha de exclusão social e preconceito linguístico com relação aos surdos e principalmente quanto à Língua Brasileira de Sinais.

## REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.
- BARI, V. A. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores*. São Paulo: ECA/ USP, 2008.
- FIORIN, J. L. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.